

**AVALIAÇÃO DAS MOTIVAÇÕES CONSCIENTES E INCONSCIENTES
ASSOCIADAS À ESCOLHA DO PARCEIRO CONJUGAL:
CRIAÇÃO DO INSTRUMENTO BAVERC ASSENTE NA PSICANÁLISE VINCULAR**

Ana Sizalda Gonçalves Oliveira

Centro de Saúde de Braga

sizaldaoliveira@gmail.com

Fecha de Recepción: 23 Enero 2019

Fecha de Admisión: 30 Abril 2019

RESUMO

A escolha do parceiro compromete o indivíduo que escolhe e o que é escolhido, envolvendo-os num cenário de mútua co-responsabilidade, nem sempre assumida e identificada. Clarificando o que une o casal, também se clarifica o que o desune.

Pretende-se pensar o indivíduo na diáde conjugal, existindo aquele como ser relacional e como sujeito pensante inscrito nas configurações vinculares que operam consciente e inconscientemente na escolha do parceiro. A expressão do vínculo conjugal ocorre em simultâneo através de aspetos conscientes, como os relacionamentos entre si, em que a presença do outro é fundamental, quer através de aspetos inconscientes como as alianças, acordos, pactos, e trama inter-fantasmática inconsciente e as estruturas vinculares familiares e sociais subjacentes e inconscientes geracionais. Na composição dos espaços psíquicos do vínculo conjugal encontram-se os espaços psíquicos intra-subjectivo, intersubjectivo e o transubjectivo. Para o efeito, criou-se um instrumento que avalia as várias esferas relacionais na conjugalidade (BAVERC) com a finalidade de criar uma escala dicotómica relativa à determinação consciente/inconsciente da escolha do objeto conjugal, bem como uma categorização dos aspetos quer conscientes quer inconscientes preponderantes em cada casal. Este instrumento assenta na perspetiva da psicanálise vincular, o que impõe a análise das interfaces da formação do vínculo conjugal.

Palavras chave: configurações vinculares; intrasubjetividade; intersubjetividade; transubjetividade; motivações conscientes/inconscientes

ABSTRACT

The evaluation of conscious and unconscious motivations associated with the selection of the marital partner: The creation of the instrument BAVERC based at linkage psychoanalysis. The selection of the marital partner compromises the individual that chooses as also the individual that is

chosen, involving them in a scenario of mutual co-responsibility that not always is completely assumed and identified. Clarifying what unites the couple it is also possible to clarify what disunites it.

It is intended to think the individual in the marital dyad, where the individual exists as a relational and thinking being enrolled in the linkage configurations that operate consciously and unconsciously for the selection of the marital partner. The expression of the marital linkage happens simultaneously through conscious aspects such as relationships interacting among each other where the presence of the other is fundamental, weather through unconscious aspects like alliances, agreements, pacts and interphantasmatic unconscious plots and the underlying unconscious and generational familial and social linkage structures. In the assembling of the psychic spaces of the marital linkage we find intra-subjective, intersubjective and transsubjective psychic spaces. An instrument was created which assesses the several relational spheres of conjugality (BAVERC) with the goal of creating a dichotomous scale about the conscious/unconscious determination of the selection of the marital object as also as to create a categorization of the conscious and unconscious aspects prevailing in each couple. This instrument is based in the perspective of linkage psychoanalysis which requires the analysis of the interfaces relative to the generation of the marital linkage.

Keywords: linkage configurations; intrasubjectivity; intersubjectivity; transsubjectivity; conscious/unconscious motivations

PSICANÁLISE VINCULAR: CONSTRUCTOS TEÓRICOS

A psicanálise das configurações vinculares (PCV) ou psicanálise vincular (PV) alicerça-se nos conceitos da psicanálise agregando, para além do individual, os grupos, famílias, casais e instituições. A psicanálise vincular foca a sua atenção sobre o vínculo estabelecido, onde o sujeito que ganha existência e se dá a conhecer na presença do outro. De acordo com a clínica vincular, quando os sujeitos entram em relação, o vínculo que se estabelece, ainda que contenha elementos de repetição, é um acontecimento novo que articula características subjetivas dos dois indivíduos e os modifica. A noção de vínculo é basilar e norteia os referenciais teóricos da psicanálise vincular. Esta noção inclui, numa relação dinâmica e dialética, a teoria das relações objetais, o meio envolvente - o outro-, o grupo e o geracional. Partem da família e casal, no sentido de estabelecer a passagem do conceito de relação de objeto para a noção de vínculo.

A perspetiva vincular denomina o casal, a família e o grupo de configurações vinculares e considera que são produto do desenvolvimento de estruturas intra e interindividuais. Enfatiza o estudo da intersubjetividade do sujeito, do grupo e do sujeito no grupo. Propõe uma visão ampliada e complexa do sujeito, na medida em que ele é uma peça do grupo familiar que possui heranças das gerações anteriores e está inserido em redes sociais e culturais. O processo de subjetivação é uma construção constante do sujeito com o outro. Sendo o resultado da oferta e da captação dos conteúdos conscientes e inconscientes constitui o efeito da presença do outro no encontro entre os espaços intra, inter e transsubjectivos.

Kães (2001), Eiger (1995) bem como Puget e Berenstein (1993) estudaram os vínculos familiares como constituintes do psiquismo individual, voltando-se para o grupo primário e para o seu funcionamento. Dentro dos elementos grupais da constituição psíquica familiar, destacam-se os vínculos narcísicos, os vínculos libidinais e a transmissão psíquica geracional. O encontro com o outro traduz a subjetividade intrapsíquica, interpsíquica e transpsíquica em que todo o vínculo faz parte da rede relacional que contém um código de comunicação, como se verifica na complementaridade conjugal. Os vínculos narcísicos dão origem a várias entidades de estudo: as alianças inconscientes, o contracto e o pacto narcísico e o pertencimento, isto é o investimento narcísico que a mãe

efetua com o seu bebé e que permite a sua existência (temos de ser desejados para podermos existir). Este investimento sugere um contracto narcísico onde o pacto denegativo toma forma, surgindo a função fórica (Kaes, 2007). Os vínculos libidinais (filiação, aliança e consanguinidade) são investimentos objetivos permanentes entre os membros de um mesmo sistema.

Janine Puget e Isidoro Berenstein, psicanalistas argentinos, em 1986, propuseram um modelo de aparelho psíquico constituído por espaços psíquicos nos quais o sujeito imerge simultaneamente. O espaço intrapsíquico representa o mundo interno com representações, imagens, sonhos e fantasias. Tal espaço precisa do outro para se constituir mas move-se independentemente da sua presença. O espaço intersubjetivo corresponde ao espaço interpessoal no qual o sujeito está com o outro e com ele troca sentimentos e vivências. O espaço transubjetivo abrange o espaço sócio-cultural, no qual se estabelecem relações com um ou vários representantes da sociedade - valores crenças, ideologias, histórias, acontecimentos sociais.

Estes autores mostraram que a constituição de vínculos é inerente à condição humana, e referem três modalidades de contacto com o outro:

Contato em que a representação do mundo é colocada sobre um componente corporal, composto de imagem-emoção-sentimento, que os autores chamam *nível originário*, impossível de ser traduzido pela palavra, já que é anterior a ela, em que o ego imagina-se fundido, sem solução de continuidade. Seria um equivalente de sensação oceânica, com grande carga de angústia relacionada com a perda de limites ou com a solidão.

Há o reconhecimento de um outro, mas o que importa é o que o ego deseja que o outro seja - o que os autores denominam *nível fantasmático* (ou interfantasmático). Para nós e para Pichon (1957), isto ocorre devido à qualidade do vínculo consigo mesmo que parte do princípio de que o mundo externo existe em função do próprio ego (contra ou a favor), de forma auto-referente.

Modalidade de contato com as palavras intercambiadas-modelo da comunicação-, que serão bem ou mal entendidas. Os autores chamam essa modalidade de *construção de objeto imaginado*, pois, em alguns intercâmbios estáveis, o ego constrói representações de objeto imaginado de grande estabilidade, como é o caso de casais em que foi construída uma representação de objeto de casal compartilhada, mistura dos objetos de casal de cada um e dos mencionados anteriormente (Puget & Berenstein, 1986, p.18).

Puget e Berenstein (1993) consideram, como denominadores do vínculo conjugal, a constância e as características de funcionamento do casal. Nesse sentido, consideram a existência de quatro parâmetros: a quotidianidade, o projeto vital, as relações sexuais, a tendência monogâmica. Na articulação simultânea destes parâmetros, surgem os acordos e os pactos inconscientes. O vínculo é estabelecido tendo por base um contrato inconsciente que assenta em acordos e pactos inconscientes. Os acordos inconscientes têm o objetivo de unificar os funcionamentos mentais alicerçando a complementaridade conjugal, partindo dos espaços intrasubjetivos de cada um e da combinação dos aspetos partilhados. Os pactos inconscientes resultam de aspetos não compartilháveis de cada um, o que implica concessões para satisfazer o desejo do outro sem aceitar a diferença no outro.

Os acordos inconscientes são resultado de um tipo de combinação entre aqueles aspetos compartilháveis, partindo de cada um dos espaços mentais dos sujeitos e resultam de um desdobramento da tendência de unificar seus funcionamentos mentais e vinculares (...). Os aspetos inconscientes, apesar de poderem reforçar os acordos, tendem a especificar elementos diferentes, provenientes do espaço mental incompartilhável de cada ego. Compartilhar o incompartilhável obriga os egos a realizarem uma série de concessões, para, dessa maneira, pactuar, fazer o desejo do outro, colocando-se em posição favorável. (Puget & Berenstein, 1993, p.21)

Estes autores enfatizam a tipologia dos vínculos, classificando-os como fusionais ou complementares e remetendo para a integração de um terceiro com o sentido de proporcionar a convivência com a diferença, de dois egos autônomos, em que o outro é algo novo, diferente do Eu. Nesta alternância, enfatiza-se a impossibilidade de o Eu conhecer totalmente o outro, pois contém dimensões inacessíveis.

Pichon Rivière, entre as décadas de 1980 e 1990, delinea as infraestruturas para a compreensão da doença mental na família. Introduz, entre outras, a noção de porta-voz ou depositário da patologia familiar em que o sujeito foi escolhido para ser o depositário de toda a doença daquele grupo, o paciente designado, conseguindo, com esta escolha, “ilibar” a família.

A proposta destes psicanalistas é uma alteração na concepção de sofrimento psíquico para sofrimento vincular. Consideram que o foco onde assenta o sintoma ou a patologia mental é originário nos vínculos que se estabelecem no interior do grupo familiar.

Eiguer (1985, 1995, 1998), psicanalista argentino residente em França, centraliza-se na teoria da técnica de atendimento a famílias e casais. Sublinha a presença dos vínculos narcisistas e os vínculos objetais no estabelecimento e manutenção do grupo familiar; considera a casa como a representação psíquica familiar; salienta a constituição do neogrupo (paciente-analista) onde elementos transferenciais, contrtransferenciais inseridos na interfantasmática do encontro, traduzem as vicissitudes do vínculo terapêutico. A propósito do vínculo intersubjetivo faz referência a quatro aspetos constituintes, que designa como os “quatro R”: 1. O *respeito*, que pressupõe que os sujeitos em vínculo não se julguem; 2. O *reconhecimento* da diferença do outro; 3. A *responsabilidade* pelo sofrimento pelo sofrimento do outro, pelo seu destino, sentindo-se cada um dos sujeitos afetado por aquilo que acontece ao seu próximo; 4. A *reciprocidade* dos investimentos numa intersubjetividade criativa. (p. 83, Eiguer 2013).

A sua ênfase recai em definir a especificidade do processo de transferência e contratransferência quando estamos nesse tipo de clínica (interfantasmática); discute o equilíbrio entre vínculos narcisistas e vínculos objetais no estabelecimento e manutenção do grupo familiar; Coloca a transgeracionalidade, os mitos e as lendas familiares e conjugais, como fundamentais na constituição do grupo-família-indivíduo. Num texto mais recente (Eiguer, 2004), o autor faz um paralelo interessante sobre as representações psíquicas (familiares e individuais) articuladas ao modo de habitação dos indivíduos. A casa como sinónimo da representação psíquica familiar.

Kaes (2005) propõe que o sujeito inconsciente é o sujeito do vínculo através do qual o sujeito se constitui psiquicamente no grupo familiar. O vínculo (que pode ser visível e reconhecido ou invisível e não reconhecido) constitui o sujeito, criando o seu próprio inconsciente que se analisa quando o sujeito está na presença do outro. Kaes (2005) propõe um “aparelho psíquico grupal” onde a rede de relações em que se constituem os sujeitos implica que estes são herdeiros ou prisioneiros da herança das suas experiências anteriores. Cada sujeito participa em várias configurações vinculares e nelas fica implicado. Por isso, cada sujeito, ao estabelecer as suas relações interpessoais, reativa a matriz relacional familiar de acordo com as suas vivências transferenciais, reproduzindo inconscientemente, nos seus relacionamentos atuais, a posição subjetiva que assumiu no passado.

Kaes (2001, 2004, 2011) introduz concepções de suma importância, criando um substrato teórico-clínico, onde ressaltam conceitos como: transmissão psíquica, alianças inconscientes, espaço psíquico comum e partilhado, pacto denegativo. Este pacto inconsciente teria como propósito evitar o contato com representações e afetos experimentados como impossíveis de elaboração psíquica, onde se inserem os silêncios e os segredos, expressos pelos sintomas no(s) sujeito(s).

CRIAÇÃO DA BAVERC (BATERIA DE AVALIAÇÃO DAS VÁRIAS ESFERAS RELACIONAIS NA CONJUGALIDADE)

A construção da BAVERC alicerça-se nos construtos teóricos da psicanálise vincular, com a finalidade de criar uma escala dicotômica relativa à determinação consciente/inconsciente da escolha do objeto conjugal, bem como uma categorização dos aspetos quer conscientes quer inconscientes preponderantes em cada casal. Pretende-se que esta ferramenta permita não só a avaliação da relação conjugal mas também permita aos profissionais a orientação da intervenção psicoterapêutica psicanalítica vincular na conjugalidade na prática clínica assim como a possibilidade de efetuar um desenho de um programa preventivo favorecendo a diminuição da incidência e prevalência de disfuncionalidade conjugal, nas suas várias esferas e consequências daí resultantes. Com a sua aplicação a intenção é permitir intervir com cientificidade, orientando a prática clínica, uma vez que a disfuncionalidade conjugal constitui uma das fontes de etiopatogenia na parentalidade e nos indivíduos que compõem o agregado familiar.

No seu conteúdo, é considerada a possibilidade de a escolha do parceiro conjugal assentar na busca consciente/inconsciente de: 1) aspetos comuns aos dois (perpetuação ou reparação da relação idílica iniciada na infância); 2) satisfação das necessidades individuais conscientes/inconscientes, reparando experiências passadas; 3) um papel complementar, projetando partes de si no outro (como se este fosse o recetáculo daquilo que o sujeito não aceita em si); 4) perpetuação do legado geracional e da compulsão à repetição garantindo o sentimento de pertença e as diversas identidades familiares; 5) uma relação baseada na complementaridade e na alternidade relacional (implicando o confronto com a idealização anterior e a resolução de conflitos individuais projetados no outro).

Com o decurso do estudo das esferas relacionais da conjugalidade, foi sendo clarificado que muitos dos aspetos que unem o casal são também aqueles que desunem. O que une separa e ninguém se separa sem estar previamente unido. Esta investigação procura responder às seguintes questões:

A escolha do parceiro conjugal é sobretudo determinada por fatores inconscientes ou por fatores conscientes?

No caso de ser assim, quais são esses factores inconscientes e conscientes?

Qual a importância de cada um?

O pano de fundo destas questões prende-se com esta possibilidade: a escolha do parceiro compromete o indivíduo que escolhe e o que é escolhido.

Na sequência da questão de investigação já enunciada, os objetivos são:

- Identificar os aspetos conscientes e inconscientes da escolha do parceiro;

- Descrever os aspetos conscientes e inconscientes da escolha do parceiro;

- Estudar a relação destes aspetos conscientes e inconscientes com variáveis importantes da vida conjugal.

A operacionalização da BAVERC, até ao momento, consistiu na sua administração a 58 casais, (constituindo 116 respostas) o que permitiu ao longo da sua administração a análise de conteúdo das respostas obtidas, assim como a revisão do protocolo operativo, apontando para a necessidade de efetuar alterações e ajustes.

Relativamente à análise de conteúdo das respostas, foram eliminadas questões, dado que as respostas não se enquadravam nos conteúdos referidos. Foram alteradas questões, uma vez que as respostas obtidas eram defensivas e evasivas. Estas alterações implicaram reformulação das questões assinaladas, o que consequentemente diminuiu a extensão do instrumento.

A BAVERC é constituída por cinco partes e em cada uma das partes, fez-se representar as interfaces do vínculo conjugal, representados nos espaços intrasubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo.

A primeira parte é dirigida ao indivíduo, tendo como objetivo avaliar os aspetos associados à escolha do parceiro e a sua repercussão na relação conjugal, a ênfase é preferencialmente dada aos espaços intra e intersubjetivos. Na primeira versão da BAVERC esta parte era constituída por 35 itens e depois da análise do conteúdo das respostas foi reduzida para 21 itens. Propõem-se uma confrontação com o passado e o presente em relação a si e ao outro, assim como a interferência de cada característica identificada em si e no outro na relação conjugal. A sensibilização para a diferença, a alternidade, assim como a mudança em si e no outro, como elementos preponderantes ao favorecimento da tomada de consciência dos elementos projetados. São realçados aspetos de como o próprio se identifica e se descreve, assim como os critérios preponderantes face à hipotética escolha de um(a) parceiro(a) e sua hierarquização; identificação das principais diferenças e semelhanças do sujeito face ao parceiro; descrição do(a) parceiro(a) e descrição da relação conjugal atual.

A segunda parte é dirigida à avaliação dos modelos das relações conjugais familiares, aqui destacam-se os espaços inter e transsubjetivos. A repetição por identificação positiva ou negativa de modelos introjetados e assumidos como ideais ou oposicionais à idealização pré concebida da sua conjugalidade. A primeira versão era constituída por 59 itens e após revisão foi alterada para 30 itens. Sugere-se a caracterização das figuras parentais da infância enquanto pais (e especificamente com o sujeito) e enquanto cônjuges (o mesmo em relação aos avós maternos e aos avós paternos);

A terceira parte é dirigida à avaliação dos aspetos considerados como positivos (de união) e negativos (desunião), assim como o grau de importância atribuído a cada um deles, são salientados os espaços intra e transsubjetivos. Após análise não foi alterado o número de itens, mantendo-se os 17.

A quarta parte refere-se à idealização do modelo de relação conjugal e de parceiro(a), inseridos no contexto social e cultural de cada um dos indivíduos, aqui os espaços intra e transsubjetivos são realçados. A primeira versão era constituída por 12 itens e a atual por 6.

A quinta parte foi criada mais tarde com a intenção de clarificar o prognóstico e orientar a intervenção introduzindo para isso novos parâmetros de avaliação e enfatizando a outros já presentes nas partes anteriores. Dentro dos parâmetros referidos sublinha-se a necessidade de avaliação da disponibilidade para a mudança, do insight, da capacidade associativa e simbólica, da comunicação, da constância na relação e tendência monogâmica. A existência de projeto de vida comum onde se insere a quotidianidade, partilha, respeito, reconhecimento, responsabilidade e reciprocidade, assim como a existência de perdas que traduzam ou não impacto na relação quer conjugal quer reprodutiva. Esta parte é constituída por 6 itens.

Durante administração do BAVERC foram registados os elementos adquiridos através de observação clínica. Desta apreciação, foram mantidos os itens que implicaram respostas à determinação consciente/ inconsciente da escolha do objeto conjugal, bem como uma categorização dos aspetos quer conscientes que inconscientes preponderantes em cada casal.

Relativamente ao protocolo de administração, este implicava que o instrumento fosse administrado num momento único, em simultâneo aos dois sujeitos do casal e as respostas de cada um fossem obtidas por escrito, garantindo a confidencialidade assim como a redução de variáveis não mensuráveis que poderiam advir caso a administração implicasse mais que um momento.

Aqui, surgem duas adversidades não contempladas aquando da definição deste *modus operandi*: 1) a caligrafia do sujeito; 2) a minha capacidade de entendimento da mesma. No sentido de superar estas contingências, foram utilizados computadores para obtenção das respostas. Esta introdução trouxe duas vantagens: 1-primeiramente foi ultrapassada a dificuldade inicial; 2- agilizou o processo na medida em que a dispersão diminuiu e foi possível observar no casal: a competitividade/interajuda; a troca de impressões interligadas à constatação de pontos de união ou

desunião; aumento da capacidade de auto e hétero análise, entre outras, que surtiram em pedidos de terapia de casal. Os casais que efetuaram o pedido mostravam vontade de investir na relação conjugal. Entre outros aspetos, destaca-se o fato de constatarem que as questões os fizeram tomar consciência de aspetos individuais/conjugais/familiares que não haviam sido considerados até ali, e contribuíram para o esclarecimento e entendimento no casal, tornando-se apaziguadores e tranquilizadores, o que por sua vez alterou o clima conjugal.

Os resultados da entrevista semi-estruturada serão submetidos a análise de conteúdo de forma a identificar as respostas que podem constituir indicadores acerca dos determinantes da escolha do objeto conjugal enunciados na hipótese. Esta análise de conteúdo terá em conta a possibilidade de a escolha do parceiro conjugal assentar na busca inconsciente dos aspetos referidos anteriormente como: 1) aspetos comuns aos dois (perpetuação ou reparação da relação idílica iniciada na infância); 2) satisfação das necessidades individuais inconscientes, reparando experiências passadas; 3) um papel complementar, projetando partes de si no outro (como se este fosse o recetáculo daquilo que o sujeito não aceita em si); 4) perpetuação do legado geracional e da compulsão à repetição garantindo o sentimento de pertença e as diversas identidades familiares e 5) uma relação baseada na complementaridade e na alternidade relacional (implicando o confronto com a idealização anterior e a resolução de conflitos individuais projetados no outro).

O resultado da análise de conteúdo do BAVERC, referente ao prognóstico e orientação interventiva nos homens, constitui um bom preditor quer da satisfação conjugal, quer do ajustamento diádico como também da empatia conjugal. A mesma análise nas mulheres, isto é a análise de conteúdo do BAVERC, referente ao prognóstico e orientação interventiva nas mulheres, constitui um bom preditor apenas da satisfação conjugal.

REFERÊNCIAS

- Alves, C. M. J. (2012). *Díades em saúde mental: Estudo da resiliência, qualidade de vida, sintomatologia psicopatológica, ajustamento diádico e vinculação*. Dis. de Mestrado, Psicologia Clínica e de Saúde, Faculdade de Psicologia, Univ. de Lisboa.
- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente - o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Benghozi, P.T. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crise e catástrofes humanitárias. In: Correa, O.B. (org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Berenstein, I. (1981). *Psicoanálisis de la estructura familiar: del destino a la significación*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein, I. (1986). *Analisis terminable e interminable, cinquenta años despues*. Revista de psicoanálisis, 43, 505-529.
- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1988). *Psicoanálisis de la pareja matrimonial*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein I. (1990). *Psicoanalizar una familia*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Berenstein I. (1994). *Realidade Psíquica y Técnica Clínica*. Revista de Psicoanálisis. Ed. Asociación Psicanalítica Argentina.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1997). *Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el outro: de la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein, I. (2003). Reflexões sobre uma psicanálise do vínculo. In A. Green (Org.). *Psicanálise contemporânea: revista francesa de psicanálise*: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago.

AValiação DAS MOTIVAÇÕES CONSCIENTES E INCONSCIENTES ASSOCIADAS À ESCOLHA DO PARCEIRO CONJUGAL: CRIAÇÃO DO INSTRUMENTO BAVERC ASSENTE NA PSICANÁLISE VINCULAR

- Berenstein, I. (2004). *Devenir outro com outro(s). Ajenidad, presencia, interferência*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Bleger, J. (1998). *Temas de Psicologia -entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bion, W. (1975). *Experiências com grupos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo.
- Branquinho, A., Narciso, I., & Crespo, C. (2013). *Reflections on couple identity: A relevant and fertile conceptual land yet underexplored*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Busby, D. M., Christenson, C. J., Crane, D. R. & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289-308.
- Canavarro, M. (2007). Inventário de sintomas psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves & L. Almeida (Eds.), *Avaliação Psicológica: Instrumentos Validados para a População Portuguesa* (vol. III). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. (1999). *Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)*. Coimbra: Ed. Faculdade de Psicologia e de Ciência de Educação da Universidade de Coimbra.
- Correa, O. B. R. (Org.) (2002). *Vínculos e instituições- uma escuta psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Dimas, I. M., Pereira, M. D. & Canavarro, M. C. (2013). *Ajustamento psicossocial, ajustamento diádico e resiliência no contexto de desemprego*. *Análise Psicológica*, 1, 3-16.
- Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Eiguer, A. (1995). *O parentesco fantasmático: transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Eiguer, A. (1998). *A Transmissão do Psiquismo entre Gerações*. São Paulo: Unimarco.
- Fonseca, R. C. T. & Carvalho, A. L. N. (2016). O papel da empatia e da comunicação assertiva na satisfação conjugal em casamentos de longa duração. *Polemica*, 6(2).
- Freud, S. (1921) Psicologia do grupo e análise do ego. In S. Freud, *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro, Imago: V. 18;1980.
- Lopes, B. S. N. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: satisfação conjugal, intimidade e satisfação sexual*. Mestrado, Psicologia Clínica, IUCPV.
- Kaes, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto. In O. B. Correa. (Org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000.
- Kaes, R. (2001). Psicanálise e representação social. In D. Jodelet (Org.) Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- Kaes, R. (2004). Complejidad de los espacios institucionales y trayectos de los objetos psíquicos. *Psicoanálisis AP de BA*, XXVI, (3).
- Kaes, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaes, R. (2007). *O Grupo e o Sujeito do Grupo*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Kaes, R. (2011). *Um singular plural -A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas.
- Kaes, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & letras.
- Moguillansky, R. (2016). Teoria Clínica Vincular. In I. Gomes, M. Fernandes, & Levisky, R. (Orgs.). *Diálogos psicanalíticos sobre a família e casal*. São Paulo: Escuta.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). *Amores satisfeitos mas não perfeitos*. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Niehuis, S., & Bartell, D. (2006). The marital disillusionment scale: Development and psychometric

- properties. *North American Journal of Psychology*, 8, 69-84.
- Nussbaum, S. (2016). Intervenções na Clínica Vincular Actual. In I. Gomes, M. Fernandes, & R. Levisky, R. (Orgs.). *Diálogos psicanalíticos sobre a família e casal*. São Paulo: Escuta.
- Oliveira, M. G. S., Falcone, E. M. O., & Ribas, R. C. (2009). A avaliação das relações entre empatia e satisfação conjugal: Um estudo preliminar. *Interação*, 13, 287-298.
- Pacheco, A. M. V. (2008). *Olhando a satisfação: um estudo exploratório em casais portugueses*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e de Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.
- Pichon Rivière, E. (1956–1957). *Teoría del vínculo, selección temática de transcripciones de sus clases*, F. Taragano (Ed.). Buenos Aires: Nueva Visión,
- Pichon-Rivière, E. (1980). *Teoria do Vínculo*. São Paulo, Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (1983). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (1990). Teoria do Vínculo. Reflexões sobre terapia psicanalítica de casal e grupo familiar. *Tempo Psicanalítico*, 24, 214-225.
- Pincus, L., Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pontes, T. R. (2014). *Amor, satisfação e desilusão: um estudo exploratório sobre a conjugalidade*. Mestrado, Psic. Clínica e Saúde, Fac. Psicologia, Univ. de Lisboa.
- Ramos, M. C. B. M. (2011). *Adaptação psicossocial de casais portugueses à infertilidade e à reprodução medicamente assistida*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia da Saúde, Fac. Psicologia e Ciências da Educação da Univ. de Coimbra.
- Sardinha, A, Falcone, E. M. O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago
- Zimmerman, D. E. (1971). *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*. São Paulo: Mestre Jou.
- Zimmerman, D.E. (1995) Vínculos e Fantasias Inconscientes. *Rev. ABPAG*, 4, 126- 141.

